

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA – INC
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA
PORTUGUESA E LÍNGUA E LITERATURA ESPANHOLA**

MARCIA SOPLIN DOS REIS

**O ENSINO DA ORALIDADE POR MEIO DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**BENJAMIN CONSTANT – AM
2025**

MARCIA SOPLIN DOS REIS

**O ENSINO DA ORALIDADE POR MEIO DO LIVRO DIDÁTICO NAS AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, do Instituto de Natureza e Cultura (INC), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Valdineia Ferreira dos Santos

BENJAMIN CONSTANT – AM

2025

MARCIA SOPLIN DOS REIS

**O ENSINO DA ORALIDADE POR MEIO DO LIVRO DIDÁTICO NAS UALAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e língua e Literatura Espanhola do Instituto de Natureza e Cultura (INC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Valdineia Ferreira dos Santos - UFAM
Orientadora

Prof. Esp. Max de Souza Pinheiro - UFAM
Avaliador

Profa. Dra. Andreza Marcião dos Santos - UFAM
Avaliadora

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pela vida e sabedoria. Aos meus pais, Nicomedes e Monica, pelo amor incondicional e pelo apoio constante, ensinando-me a enfrentar os desafios da vida. Vocês foram os primeiros a acreditar em meus sonhos e são a base da minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço primeiramente a Deus, todo-poderoso, que habita em mim e em todas as coisas do universo, pela vida, saúde e por todas as bênçãos de sabedoria e graça que me sustentam diariamente. Agradeço por ter me concedido discernimento, forças e coragem para trilhar esta jornada.

Com profundo amor e respeito, expresso minha gratidão aos meus pais, Nicomedes Montalvão dos Reis e Monica Garcia Soplin, por suas orações incansáveis e apoio incondicional.

Às minhas irmãs, Sefora e Luz Clarita, e à minha filha, Nicole Sophia, que sempre foram e serão o meu maior incentivo para crescer, manter o foco e jamais desistir dos meus objetivos.

Aos amigos que estiveram presentes — Jovana Penha, Dani Gomes, Briane Guimarães e Andressa Michelly —, meu eterno agradecimento pelo companheirismo.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Instituto de Natureza e Cultura (INC), minha gratidão aos professores que, com empenho e dedicação, foram agentes de transformação em minha formação acadêmica. Em especial, agradeço à professora Lesly Pimentel, por ser exemplo de compromisso e inspiração no ensino, e ao professor Solano Guerreiro, pelo incentivo à participação acadêmica. Estendo meus agradecimentos aos professores Jorge Freitas, Adelson Barros, Cristiane Alves, Max de Souza e Aldarleny Sá de Barros, com especial carinho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Valdineia Ferreira dos Santos, por aceitar me guiar nesta pesquisa. Agradeço por seu apoio, incentivo e presença constante ao longo desta jornada de escrita.

Por fim, agradeço à assistência estudantil, cujo apoio por meio de bolsa acadêmica foi essencial para a concretização deste objetivo.

A todos vocês, meu sincero muito obrigada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AM – Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

INC – Instituto de Natureza e Cultura

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

PCNS- Parâmetros Curriculares Nacionais

TCC – Trabalho de Conclusão do Curso

RESUMO

O ensino da língua pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos alunos, considerando a heterogeneidade da fala a partir do meio social em que vivem. Este trabalho discute o ensino da oralidade através do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, especificamente no 9º ano. O objetivo geral foi investigar como a oralidade é abordada no livro didático “Português: Telaris Essencial”, analisando se as propostas didáticas contemplam os documentos oficiais e as teorias de gêneros textuais. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, bibliográfica e documental, fundamentada em teóricos como Marcuschi (2005; 2008; 2010), Bakhtin (2000), Dolz e Schneuwly (2010) entre outros, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) da Base Nacional Comum Curricular (2018). Os resultados indicam que o material analisado apresenta uma variedade significativa de gêneros orais formais (seminários, debates, entrevistas), superando a visão da oralidade apenas como "fala espontânea". Conclui-se que, embora existam obstáculos para a efetivação dessas práticas em sala de aula, o livro didático oferece caminhos viáveis para o desenvolvimento da competência comunicativa oral dos discentes.

Palavras-chave: Oralidade. Livro Didático. Ensino de Língua Portuguesa. Gêneros Textuais.

RESUMEN

La enseñanza de lenguas presupone el conocimiento de la realidad lingüística del alumnado, considerando la heterogeneidad del habla en función del entorno social en el que se desenvuelve. Este trabajo analiza la enseñanza de la oralidad a través de libros de texto en las clases de Lengua Portuguesa de Educación Primaria, específicamente en 9.º grado. El objetivo general fue investigar cómo se aborda la oralidad en el libro de texto "Português: Telaris Essencial", analizando si las propuestas didácticas contemplan documentos oficiales y teorías de géneros textuales. La metodología utilizada fue cualitativa, bibliográfica y documental, basada en teóricos como Marcuschi (2005; 2008; 2010), Bakhtin (2000), Dolz y Schneuwly (2010), así como en los Parámetros Curriculares Nacionales de la Lengua Portuguesa (1998) y la Base Curricular Nacional Común (2018). Los resultados indican que el material analizado presenta una variedad significativa de géneros orales formales (seminarios, debates, entrevistas), superando la visión de la oralidad como meramente "discurso espontáneo". Se concluye que, si bien existen obstáculos para la implementación efectiva de estas prácticas en el aula, el libro de texto ofrece vías viables para el desarrollo de la competencia comunicativa oral del alumnado.

Palabras clave: Oralidad. Libro de texto. Enseñanza de la lengua portuguesa. Géneros textuales.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA ESCOLA E NO LIVRO DIDÁTICO.....	13
2.2 O ENSINO DA ORALIDADE ATRAVÉS DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	21
4.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS.....	21
4.2 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE ORALIDADE À LUZ DA TEORIA E DOCUMENTOS LEGAIS.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO.....	31

1 INTRODUÇÃO

A oralidade constitui uma das dimensões mais fundamentais da linguagem humana, sendo historicamente anterior à escrita e essencial para a interação social e a construção do conhecimento. Ela constitui-se como uma das formas mais antigas e fundamentais da interação humana. Antes mesmo da invenção da escrita, as sociedades já se organizavam e transmitiam conhecimentos, valores e culturas por meio da fala.

No entanto, no contexto educacional, o ensino da oralidade muitas vezes ocupou um lugar secundário, sendo preterido em favor da modalidade escrita, considerada por muito tempo como a única detentora de prestígio e legitimidade para o estudo da língua. Vale ressaltar que, muitas vezes, ela é vista apenas como um atributo natural do aluno e não como um objeto de conhecimento a ser ensinado sistematicamente. Diante desse cenário, surge a necessidade de investigar como os materiais didáticos, instrumentos centrais na prática docente, abordam e propõem o ensino da fala.

Nesse cenário, a presente pesquisa tem como tema "O ensino da oralidade através do livro didático nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental". A escolha deste tema justifica-se pela observação empírica, realizada durante os estágios supervisionados em uma escola pública, no município de Benjamin Constant (AM), das dificuldades que os alunos apresentam ao se expressarem formalmente e dos desafios enfrentados pelos docentes ao trabalharem com esse eixo, embora, tenha o livro didático como um recurso disponível, mas nem sempre explorado em sua totalidade no que tange às práticas orais.

O livro didático, sendo um dos recursos mais acessíveis e utilizados nas escolas públicas brasileiras, desempenha um papel central na concretização do currículo. Portanto, analisar como esse material propõe o trabalho com a oralidade é essencial para compreender as possibilidades e limitações do ensino de língua materna na atualidade. Acredita-se que a oralidade varia conforme o contexto social e regional, e o manual didático deve ser capaz de abordar essa diversidade linguística, garantindo o desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes.

Nesse contexto, o problema de pesquisa que norteia este trabalho é: quais são os obstáculos que inviabilizam ou dificultam o desenvolvimento efetivo da oralidade

através do livro didático em sala de aula? Como o livro didático propõe o trabalho com a oralidade no 9º ano do Ensino Fundamental? Entende-se que a oralidade não deve ser vista apenas como uma capacidade inata do aluno, mas como um objeto de ensino que requer sistematização, planejamento e avaliação, conforme preconizam os documentos oficiais.

Nesse sentido, para responder a essa indagação, busca-se entender se as propostas didáticas ultrapassam a mera "oralização da escrita" e se promovem, de fato, o letramento oral.

A finalidade de uma pesquisa é esclarecer e/ou compreender aquilo que o pesquisador pretende investigar, desde os caminhos teóricos até os resultados a serem alcançados. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a oralidade é apresentada e trabalhada no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental, verificando se as atividades propostas contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, bem como, sua adequação às demandas contemporâneas do ensino.

Para alcançar tal propósito, definiram-se os seguintes objetivos específicos: i) Investigar como o ensino da oralidade é abordado nos documentos oficiais educacionais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018); ii) Conhecer os marcos teóricos norteadores sobre o ensino da oralidade; e iii) Refletir sobre as práticas pedagógicas que integram a oralidade de forma significativa no ensino de língua portuguesa, observando como o material didático propõe a articulação entre fala/escrita.

A pesquisa fundamenta-se na hipótese de que o livro didático, quando bem estruturado e fundamentado na teoria dos gêneros textuais, pode ser uma ferramenta eficaz para superar o preconceito linguístico e desenvolver habilidades orais formais, indo além da conversação espontânea.

Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa. O *corpus* de análise é o livro didático do 9º ano adotado na escola campo de estágio.

A pesquisa pauta-se na premissa de que a oralidade, assim como a escrita, envolve gêneros discursivos específicos que devem ser aprendidos na escola e está fundamentada em teóricos que abordam a temática, tais como Marcuschi (2005; 2008; 2010), Bakhtin (2000), Dolz e Schneuwly (2010), entre outros, além de documentos

educacionais oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998) da Base Nacional Comum Curricular (2018).

O estudo está estruturado da seguinte forma: Introdução, que apresenta e contextualiza o tema, os objetivos, a questão norteadora e a justificativa do trabalho; O referencial teórico, que discute a base conceitual e legal; Procedimentos metodológicos, que detalham a abordagem qualitativa e bibliográfica; Análise dos dados coletados no livro didático e discussão; Considerações finais, que retomam os objetivos propostos e responde a questão norteadora e as referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa fundamenta-se nos estudos da linguagem como mediação do conhecimento, uma atribuição transversal a todas as áreas, mas essencial no ensino de Língua Portuguesa. O trabalho com a oralidade no livro didático deve refletir a heterogeneidade linguística e social dos alunos. O capítulo está estruturado em duas partes: a primeira discute a importância da oralidade na escola e no livro didático, com ênfase nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (Brasil, 2018). A segunda aborda o trabalho da oralidade por meio de gêneros textuais à luz de teóricos como Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018), Marcuschi (2005; 2008; 2010), Bakhtin (2000), Dolz e Schneuwly (2010) e outros.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE NA ESCOLA E NO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático é uma ferramenta pedagógica fundamental na construção da oralidade, pois pode oferecer roteiros e atividades que desenvolvam a comunicação verbal dos estudantes para além do cotidiano. Uma abordagem adequada favorece a cognição e amplia a capacidade discursiva do aluno, contribuindo para a superação da timidez e para uma participação mais ativa na sociedade.

Segundo Marcuschi (2010, p. 25), a oralidade deve ser compreendida de forma ampla:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos variados contextos de uso.

Dessa forma, a oralidade reside na sua capacidade de ampliar e enriquecer o aprendizado, indo além da simples dicotomia com a escrita. Ela respeita a diversidade linguística e promove práticas comunicativas reais. Marcuschi (2010) alerta que é preciso reconhecer a oralidade como prática social, visto que é um estudo dos usos da língua. Utiliza-se a língua para interagir socialmente, e essa interação determina a forma do discurso empregado, abrangendo desde o registro informal e popular até o culto e formal.

É crucial que o professor trabalhe com a oralidade para estimular o aluno a praticar o enfoque comunicativo, desenvolvendo habilidades de produção e escuta de gêneros orais. Marcuschi (2010) enfatiza a necessidade de levar os gêneros orais para o trabalho letivo, articulando-os de modo que os educandos se apropriem de suas várias dimensões para agirem com sucesso em diferentes situações comunicativas.

A partir de uma perspectiva sociodiscursiva, Marcuschi (2005) define os gêneros textuais como formas de ação social incontornáveis, caracterizando-os como entidades essenciais para a concretização de qualquer interação comunicativa. Nessa compreensão, os gêneros textuais constituem as estruturas básicas da comunicação, emergindo e adaptando-se às necessidades expressivas humanas e sendo moldados ativamente pelo contexto histórico e pelas esferas sociais onde se manifestam. Ferreira e Spinillo (2003), compreendem os gêneros textuais como estruturas cognitivas de comunicação, nas quais se estabelecem identidades linguísticas diferenciadas correspondentes a uma determinada área de conhecimento.

Conseqüentemente, verifica-se que os gêneros possuem uma natureza dinâmica e mutável; eles podem sofrer transformações ao longo do tempo, surgir, desaparecer ou apresentar variações regionais e culturais significativas. A intensa evolução tecnológica, por exemplo, impulsionou o surgimento de novos gêneros, como *e-mails*, *memes* e interações em plataformas digitais, para atender às novas demandas comunicativas. Nessa mesma linha de raciocínio, Bakhtin (2000) argumenta que os gêneros são responsáveis por materializar a língua, estabelecendo-se como o elo fundamental que articula a estrutura linguística à vida social e à prática humana.

Para o autor, o ser humano, em todas as suas esferas de atividades recorre à língua para a concretização de suas interações, ressaltando que cada esfera gera condições comunicativas específicas, fundamentais para satisfazer a necessidade humana de comunicação, bem como que, sejam elas científicas, profissionais religiosas, familiares, jurídica, entre outras, as condições inerentes a cada uma, são responsáveis pela emergência de seus enunciados relativamente estáveis, ou seja, gêneros do discurso ou gêneros discursivos, que são modos de comunicação que se estabilizam historicamente e são reconhecidos pelas suas características e tema, estrutura e estilo (Bakhtin, 2000).

Progressivamente, os documentos oficiais brasileiros têm destacado a oralidade como eixo de ensino. Os PCNs (Brasil, 1998) enfatizam a necessidade de que o ensino de Língua Portuguesa seja estruturado por meio da diversidade de gêneros textuais. Essa abordagem é crucial não apenas devido à relevância social desses gêneros, mas também porque cada um possui uma organização estrutural e composicional distinta. Desse modo, o desenvolvimento das capacidades de compreensão e produção, tanto oral quanto escrita, pressupõe o foco em diversos gêneros nas situações de ensino, devendo-se, portanto, superar a ideia de um único gênero prototípico que seria suficiente para abordar a totalidade dos gêneros circulantes na sociedade (Brasil, 1998).

Para o ensino fundamental em Língua Portuguesa, os PCNs sugerem gêneros como "contos, mitos, lendas, poemas, quadrinhas, piadas, provérbios, notícias, anúncios, entrevistas, debates, seminários, palestras[...]" (Brasil, 1998, p. 82). Dessa maneira, o documento reconhece a importância do trabalho em sala de aula, e ainda, dedica seções à prática de escuta e produção de textos orais. O documento ressalta que ensinar língua oral não significa trabalhar apenas a capacidade de falar em geral - algo que o aluno já traz de casa -, mas desenvolver o domínio dos gêneros orais formais públicos, essenciais para o exercício da cidadania (Brasil, 1998; Marcuschi, 2010)

Mais recentemente, a BNCC (Brasil, 2018) reforçou e ampliou essa perspectiva. O documento insere o componente Língua Portuguesa na área de Linguagens e define a oralidade como um dos eixos organizadores, ao lado de leitura/escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica.

Conforme a BNCC: (2018, p. 136)

No componente Língua Portuguesa, amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências.

Entre as práticas de linguagem previstas, estão a escuta atenta, a argumentação oral, a apresentação em público, seminário, debate, declamação de poemas, *vlog* de game, produção de diversos *podcasts*, vídeos, dentre outras. O documento enfatiza que cabe à escola "Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes

gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito” (Brasil, 2018, p. 79). Desta forma, a escola deve proporcionar experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos e a participação crítica nas práticas sociais permeadas pela oralidade (Brasil, 2018).

2.2 O ENSINO DA ORALIDADE ATRAVÉS DOS GÊNEROS TEXTUAIS

O ensino da oralidade deve centrar-se nos gêneros textuais, permitindo aos alunos desenvolverem habilidades de comunicação adaptáveis a diferentes contextos. Para Mascuschi (2008) os gêneros podem ser orais ou escritos. Conforme o autor, os estudos dedicados aos gêneros têm aumentado significativamente, embora sejam recentes, são cruciais pela sua conexão direta com o uso cotidiano dos falantes.

Em contrapartida, os gêneros escritos possuem estudos consolidados nas culturas letradas, com um campo de investigações mais intenso e amplo. O autor enfatiza que a fala nem sempre reproduz a escrita e da mesma forma, a escrita não reproduz a fala. Nesse sentido, faz-se necessário trabalhar a oralidade em sala de aula desconstruindo atitudes preconceituosas sobre a fala, evitando o reforço ao preconceito linguístico contra variantes populares.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 25) argumentam que o papel da escola não é ensinar o aluno a falar o que ele já sabe, mas sim:

[...] trabalhar o uso da língua oral, partindo da reflexão sobre esse uso para que o aluno tenha contato com as diversas manifestações formais da oralidade [...] a partir de atividades de produção e interpretação de uma ampla variedade de textos orais, de observação de diferentes usos, de reflexão sobre recursos que a língua oferece para alcançar diferentes finalidades comunicativas.

Os gêneros textuais, conforme Marcuschi (2005, p. 21), são "fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social". Sendo fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Bakhtin (2000) define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis

de enunciados, caracterizados por conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Portanto, o ensino da oralidade não deve ser aleatório, mas sim pautado no domínio desses gêneros. Dolz e Schneuwly (2010) propõem que a escola deve instrumentar o aluno para ultrapassar as formas orais de produção coloquial e confrontá-lo com o oral formal público. Para isso, a escola precisa proporcionar diversas situações de escrita e de fala aos alunos, criar contextos de produção específicos, elaborar atividades múltiplas e variadas, isso possibilitará aos alunos a apropriação da técnica e dos instrumentos fundamentais ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita.

As práticas pedagógicas com gêneros textuais favorecem o desenvolvimento de diversas habilidades, como a autonomia e o domínio da linguagem. Dolz e Schneuwly (2010, p. 38) explicam que, embora a apropriação da linguagem comece na família, "certas práticas, em particular aquelas que dizem respeito à escrita e ao oral formal, realizam-se essencialmente em situação escolar". Para os autores, o foco do trabalho pedagógico deve ser, prioritariamente, nos gêneros textuais que os alunos dominam ou utilizam de forma precária ou que lhes são dificilmente acessíveis, que demandam mediação formal. Essa prática visa garantir o domínio dos gêneros de circulação pública essenciais para a participação social (Dolz e Schneuwly, 2010).

Nesse sentido, o professor deve utilizar estratégias didáticas adequadas, como as sequências didáticas, para desenvolver a competência na produção de textos orais. Marcuschi (2008) reforça que os gêneros textuais são entidades sociodiscursivas incontornáveis de qualquer situação comunicativa. Assim, trabalhar com gêneros orais em sala de aula (como o debate, a entrevista, o seminário) é simular e preparar o aluno para as interações sociais reais, onde ele precisará agir sobre o mundo através da linguagem.

Nessa mesma ótica, a BNCC (2018) sublinha o papel central dos gêneros textuais como ferramenta articuladora para a ampliação das competências comunicativas no componente curricular de Língua Portuguesa, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Trabalhar com gêneros textuais é ir além da análise gramatical, uma vez que o aprendizado deve ser ancorado nas práticas sociais concretas já vivenciadas pelos estudantes. No Ensino Fundamental, o processo deve ser iniciado pela expansão do repertório discursivo, partindo do conhecimento prévio do aluno para introduzir novas experiências linguísticas (Brasil, 2018). O resultado

desse trabalho sistemático é a condição do estudante de participar significativamente das práticas sociais. Conforme Soares (1993), trabalhar com a oralidade em sala de aula é levar o aluno a compreender o papel relevante social e de comunicação que a língua oral possui.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Segundo Minayo (1994, p. 176), “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. Entretanto, na metodologia deve conter os passos que serão percorridos pelo investigador, com a finalidade de alcançar os objetivos propostos pelo trabalho.

A investigação é de cunho qualitativo, utilizando-se da pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa qualitativa é apropriada para a educação, pois permite estudar com detalhes uma situação específica, como a análise de um livro didático, interpretando os significados ali presentes. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa no ambiente escolar volta-se para a observação dos processos de ensino-aprendizagem.

O delineamento descritivo desta pesquisa implica em uma abordagem predominantemente indutiva na análise dos dados. Essa metodologia é essencial para a apreensão das subjetividades e das nuances inerentes ao fenômeno estudado, as quais, por sua natureza, não são passíveis de mensuração ou quantificação (Minayo, 1994).

Deste modo, por meio da análise de como a oralidade é apresentada e trabalhada no livro didático, buscou-se compreender se as propostas de atividades contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, assim como, sua adequação às demandas contemporâneas do ensino e quais obstáculos dificultam o trabalho do ensino da oralidade no livro didático no ambiente escolar.

A base do estudo foi a pesquisa bibliográfica, realizada a partir do levantamento de referências teóricas em livros, artigos científicos e documentos oficiais. Em que pese, a pesquisa bibliográfica seja exigida em trabalhos desta natureza em praticamente todos os domínios de estudo, ela não demanda coleta direta de dados. Sua base fundamental consiste, intrinsecamente, no levantamento e na análise de conhecimentos e informações previamente construídos e devidamente sistematizados no âmbito da comunidade científica.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto, constituindo a base teórica para a

análise. Foram utilizados autores como Marcuschi (2005; 2010), Bakhtin (2000), Dolz e Schneuwly (2010), entre outros além dos Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (Brasil, 2018).

Toda pesquisa implica a coleta de dados, é a fase realizada com o propósito de coletar informações sobre o campo de interesse, sendo realizado de duas formas: “pesquisa documental (ou de fontes primárias) e pesquisa bibliográfica (ou de fontes secundárias) (Lakatos, 2003, p. 174)”. Para a autora, na pesquisa documental, a fonte de coleta de dados é restrita a documentos, escritos ou não, tais como, documentos de arquivos públicos ou privados, contratos, cartas, autobiografias, gráficos, filmes, fotografias, dentre outros. No caso desta pesquisa, o objeto de análise será o livro didático de Língua Portuguesa utilizado no 9º ano do Ensino Fundamental: *Português: Telaris Essencial*, de autoria Thereza Cochar Magalhães (Editora Ática, 2022), assim, os dados/informações que compõem o *corpus* da pesquisa e que será submetido a análise será extraído do referido livro, o qual foi escolhido por ser o material adotado.

A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, mapeando as atividades relacionadas à oralidade nas oito unidades do livro, verificando os gêneros abordados, as metodologias propostas e a adequação aos documentos legais.

4 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

O objetivo deste capítulo é apresentar, analisar e discutir os dados coletados no livro didático de Língua Portuguesa direcionado ao 9º ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados e as análises levaram em consideração objetivo geral da pesquisa: analisar como a oralidade é apresentada e trabalhada no livro didático de Língua Portuguesa, verificando se as atividades propostas contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, como também, sua adequação às demandas contemporâneas do ensino e aos desafios enfrentados. Nesse sentido, a análise busca investigar como as atividades propostas no material didático colocam em prática os conceitos teóricos e as exigências legais relacionadas ao ensino da oralidade.

4.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O livro didático, “**Português**: Telaris Essencial Magalhães, 2022), voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental, o qual compõe o *corpus* de análise, é composto por oito unidades e apresenta uma proposta que visa integrar os eixos de leitura, escrita, análise linguística e oralidade.

A análise focou nas seções destinadas à produção e compreensão oral, buscando identificar quais gêneros textuais orais são trabalhados e quais metodologias são sugeridas para o professor. O Quadro 1, a seguir, sistematiza o panorama da abordagem da oralidade na obra.

Quadro 1: Panorama da abordagem da oralidade no livro didático “Telaris Essencial”, 9º ano.

UNIDADE	PRÁTICA DA ORALIDADE E OBJETIVOS	GÊNERO TEXTUAL ORAL	METODOLOGIA PROPOSTA
01	Produção oral: projeção de voz e dramatização. Compreensão: escuta ativa e reflexão sobre a oralidade do outro.	Declamação de Poema	Preparação com roteiros de leitura (uníssono ou jogral). Execução através de leitura dramatizada.

UNIDADE	PRÁTICA DA ORALIDADE E OBJETIVOS	GÊNERO TEXTUAL ORAL	METODOLOGIA PROPOSTA
02	Produção: formulação de argumentos orais. Compreensão: estratégias de clareza, concisão, persuasão e refutação.	Debate Filosófico	Formação de grupos, pesquisa prévia, escrita de argumentos e definição de regras. Exposição oral argumentativa.
03	Produção: elaboração e execução de diálogos. Compreensão: relação entre fala, gestos e rubricas.	Peça Teatral	Reescrita de texto literário para teatral. Ensaios focados na memorização, entonação e expressão corporal.
04	Produção: roteiro de entrevista e uso de recursos audiovisuais. Compreensão: papéis dos sujeitos na interação.	Entrevista Jornalística	Elaboração de perguntas em grupo. Produção da entrevista oral utilizando recursos audiovisuais.
05	Produção: roteiros, dublagem e narração. Compreensão: especificidades da fala em formato audiovisual.	Exposição Oral / Enquete	Produção de enquete com a comunidade, criação de roteiro e produção de conteúdo audiovisual com narração.
06	Produção: roteiros para narração oral. Compreensão: fala em formato audiovisual (vlog/vídeo).	Resenha Oral (Vlog)	Leitura de livro, produção de resenha crítica escrita e adaptação para vídeo com narração oral.
07	Produção: seleção de argumentos e defesa oral. Compreensão: estratégias discursivas de	Debate Regrado	Leitura de textos de apoio, divisão em grupos, elaboração de argumentos e realização do debate com regras definidas.

UNIDADE	PRÁTICA DA ORALIDADE E OBJETIVOS	GÊNERO TEXTUAL ORAL	METODOLOGIA PROPOSTA
	persuasão e refutação.		
08	Produção: roteiros para exposição formal. Compreensão: transmissão de conhecimento, gestão do tempo e articulação.	Seminário	Pesquisa de temas, elaboração de roteiro e apresentação formal do seminário com suporte visual.

Fonte: Elaborado pela autora com base Trinconi, Bertin e Magalhães (2022).

4.2 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE ORALIDADE À LUZ DA TEORIA E DOCUMENTOS LEGAIS

A análise do Quadro 1 revela que o livro *Telaris Essencial* adota uma perspectiva de oralidade que vai além da conversação espontânea. Nessa linha de raciocínio, corroboramos com o pensamento de Marcuschi (2010, p. 25), que faz uma abordagem sobre oralidade e fala. Para o autor “a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso”, enquanto a fala

Seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (Marcuschi, 2010, p 25).

Nesse sentido, ambos os termos são formas de interação humana destinadas à comunicação, onde a fala está intrinsicamente contida no domínio da oralidade, porém esta é concebida como prática social e interativa em seu sentido mais amplo, englobando uma vasta gama de gêneros textuais, do informal ao formal; e aquela, é

a realização concreta dessa prática, caracterizando-se como o ato físico-linguístico, envolvendo os elementos expressivos envolvidos na emissão, como os sons articulados, os aspectos prosódicos, tais como entonação e ritmo, e recursos extralinguísticos como gestualidade, movimentos do corpo e mímica, os quais são essenciais para a realização do discurso.

Antes de iniciar as análises, vale ressaltar ainda que a interpretação e análises dos dados serão conduzidos à luz do referencial teórico estabelecido, visando não apenas à elucidação das informações coletadas, mas também ao seu correlacionamento sistemático com os pressupostos, objetivos e a questão norteadora desta pesquisa. Voltando o olhar ao *corpus* da pesquisa – Quadro 1, observa-se que o livro propõe uma progressão na complexidade dos gêneros abordados, iniciando com a “declamação” (unidade 1), focada no desenvolvimento da expressividade, da prosódia e performance, podendo ser alinhada a abordagem de ‘estetização da fala’ (Marcuschi, 2010), uma vez que prioriza o tratamento da fala como objeto de arte e expressão performática; avançando para gêneros mais e argumentativos, como “debate regrado” (unidade 7), culminando no “seminário” (unidade 8), cujo foco é na exposição formal do conhecimento.

As Unidades 02 e 07, que trabalham com o “Debate Filosófico” e o “Debate Regrado”, respectivamente, atendem diretamente às competências da BNCC (Brasil, 2018) que exigem o desenvolvimento da argumentação. Ao propor a “pesquisa e escrita de argumentos” antes da fala, o livro combate um dos principais obstáculos da oralidade em sala de aula: o “achismo” ou a opinião sem fundamento. A metodologia proposta obriga o aluno a planejar sua fala, o que corrobora a visão de Marcuschi (2010) de que a oralidade formal exige planejamento tanto quanto a escrita.

As Unidades 04, 05 e 06 inserem a oralidade no contexto das culturas digitais (uso de recursos audiovisuais, enquetes filmadas, *vlogs*). Isso atende as competências gerais da BNCC (2018), que prevê o uso de novas tecnologias e o campo jornalístico-midiático. O livro reconhece que a oralidade contemporânea é frequentemente mediada por tecnologias. Ao trazer gêneros como a entrevista jornalística gravada, permite que o aluno analise sua própria fala, observando tom de voz, postura e dicção, transformando a oralidade em objeto de reflexão, e não apenas de uso. Observa-se que o manual não limita a oralidade, incorporando-a a gêneros da esfera jornalística e digital.

Ainda é possível observar na unidade 6, que a atividade é precedida pela leitura de livro, seguida da produção de uma resenha crítica e gravação de vídeo. Essa metodologia, aponta para a abordagem de Marcuschi (2010, p. 17), a teoria de que fala e escrita são modalidades interligadas, e não opostas, “são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas”. Neste caso, o aluno escreve para falar (roteirização), o que ajuda a organizar o pensamento e reduz a insegurança, um obstáculo frequente apontado pelos estudantes.

Nesse sentido, Marcuschi (2010) informa que a escrita não deve ser vista como uma representação da fala, “porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros (Marcuschi, 2010, p. 17).

A Unidade 08 aborda o Seminário, considerado por Dolz e Schneuwly (2004) como um gênero escolar por excelência para a transmissão de saberes. A metodologia do livro, que inclui, de um lado, a “gestão do tempo”, “fluência” e “interação com a audiência”, prepara o aluno para situações acadêmicas e profissionais futuras; e de outro, a “elaboração de roteiro”, leva o aluno a organização das ideias para se expressar de forma coerente e a desenvolver habilidades de escrita (Marcuschi, 2001). O livro didático, neste ponto, atua como um facilitador, fornecendo as regras do gênero que muitas vezes são implícitas.

A etapa da “preparação” é uma prática positiva observadas nas unidades do livro. Seja no teatro ou no seminário, o livro induz o aluno a pesquisar, roteirizar e ensaiar. Isso combate a ideia equivocada de que a oralidade é apenas improvisado. Conforme Marcuschi (2001), a fala formal exige planejamento, aproximando-se, em grau de planejamento, da escrita. De um modo geral, o livro trabalha a relação intrínseca entre fala e escrita. Tanto para a unidade 8 “seminário” ou para unidade 3 “peça teatral”, o aluno precisa ler, resumir, reescrever, ensaiar a fala, entonação, movimento corporal e retextualizar (transformar texto escrito em fala), revelando mais uma vez a teoria de que fala e escrita são modalidades distintas, mas que se interpenetram continuamente nas práticas sociais.

O livro Telaris, demonstra uma variedade de gêneros textuais orais e metodologias, incluindo dramatização, debate filosófico, peça teatral, entrevista jornalística, exposição oral com recursos audiovisuais, debate regado e seminário. Sua proposta é desenvolver habilidade oral por meio de diferentes metodologias, a partir de textos imagens ou audiovisuais. Dessa forma, ele apresenta uma diversidade

de gêneros orais com uma abordagem progressiva e diversificada das competências orais em produção e compreensão (Brasil, 2018).

Apesar da variedade das propostas, a análise aponta que o principal obstáculo ou desafio não reside na ausência de conteúdo no livro, mas na operacionalização dessas atividades. A realização de uma “produção de vídeo” ou “debate regrado” (unidades 6 e 7) requer tempo didático, equipamentos e pessoas que saibam manuseá-los e uma gestão de sala de aula que muitas vezes foge à rotina tradicional. Se o professor não estiver preparado para mediar essas atividades, corre o risco de se tornarem apenas momentos de “apresentação de trabalho”, sem nenhuma reflexão sobre a oralidade.

. Outro obstáculo seria os recursos paralinguísticos, (Dolz Noverraz Schneuwly 2010), ou seja, elementos não verbais da comunicação, por exemplo o “seminário” da unidade 8 ou a “peça teatral” da unidade 3, o material orienta sobre a pesquisa do tema, mas oferece poucas ferramentas e subsídios práticos que instruem o estudante sobre como usar a voz ou o uso eficaz (entonação, ritmo), como gerir o corpo no espaço (cinésica) ou como usar marcadores discursivos necessários para a coesão e manutenção dos turnos na fala oral.

Conclui-se que o livro didático Telaris apresenta avanços significativos, oferecendo o suporte teórico e metodológico necessário. Diferentemente de manuais antigos que pediam apenas “leitura em voz alta”, esta obra propõe situações reais de interação social (entrevistas com a comunidade, debates com regras), cumprindo o papel social da escola de ensinar a língua em uso. Entretanto, ele ainda demonstra carência de um aprofundamento nos aspectos linguísticos e paralinguísticos da fala, (Dolz Noverraz, Schneuwly 2010) e (Marcuschi, 2010) como a prosódia, os marcadores conversacionais e a gestão eficiente de tempos de fala. Consequentemente, a instrução tende a se concentrar excessivamente no conteúdo temático (o que dizer) em detrimento da forma de enunciação (como dizer), negligenciando os recursos intrínsecos à modalidade oral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o ensino da oralidade no livro didático de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, tomando como *corpus* a obra *Português: Telaris Essencial*. Buscou-se compreender se o material oferece subsídios para o desenvolvimento da competência comunicativa oral dos estudantes, à luz das teorias de gêneros textuais e dos documentos oficiais (BNCC e PCN).

Retomando os objetivos específicos, a investigação dos documentos oficiais confirmou que a oralidade é um eixo estruturante do ensino de língua materna, devendo ser tratada com o mesmo rigor metodológico que a escrita. Desta forma a legislação educacional preconiza que a oralidade seja tomada como objeto de conhecimento, superando a visão de que a fala é uma habilidade natural que não precisa ser ensinada.

Quanto a análise dos marcos norteadores do livro didático, revelou-se que a obra está alinhada a essa perspectiva, ou seja, ao ensino da oralidade por meio de gêneros textuais variados, como debates, seminários, declamação, promovendo a progressão de aprendizagem.

Por fim, quanto à reflexão sobre as práticas pedagógicas, observou-se que o livro promove a integração entre leitura, escrita e oralidade, superando a dicotomia fala/escrita ao propor atividades onde a escrita serve de suporte para a fala (roteiros) e a fala serve de base para a escrita (transcrições, registros). O incentivo ao uso de tecnologias, bem como, a presença de gêneros digitais e multissemióticos, também moderniza o ensino da oralidade, aproximando-o da realidade dos estudantes.

Em resposta à questão norteadora — quais são os obstáculos que inviabilizam o desenvolvimento da oralidade no livro didático em sala de aula? — a pesquisa revelou que, o livro didático analisado, em si, não apresenta obstáculos estruturais, pelo contrário, ele propõe diversas atividades.

O obstáculo reside, muitas vezes, na tradição escolar que ainda prioriza a gramática normativa, como também, na falta de infraestrutura nas escolas, que pelo tempo reduzido das aulas e insegurança dos alunos e professores em lidar com a exposição pública, pode comprometer a eficácia das atividades, como produção de vídeos ou debates, tornando, muitas vezes, as atividades orais secundárias. No entanto, o livro tenta transpor essa barreira ao fornecer roteiros detalhados de

preparação, execução e avaliação das atividades orais, instrumentalizando o professor e o aluno.

Conclui-se, portanto, que a presente pesquisa, possibilitou compreender que o ensino da oralidade através do livro didático é viável e relevante. O material analisado rompe com modelos tradicionais ao trazer a oralidade para o centro do processo educativo, demonstrando que é possível trabalhar a fala de forma crítica, planejada e reflexiva.

Atividades como debates, entrevistas e seminários fortalecem a autoestima linguística dos estudantes, preparam para a vida cidadã e acadêmica e legitimam a voz do aluno no espaço escolar. Para que essas potencialidades se concretizem, é fundamental que o professor assumA o papel de mediador, adaptando as propostas à realidade da turma e utilizando os recursos do livro para transformar a sala de aula em um espaço de interação real e significativa, em que o aluno compreenda a oralidade como uma ferramenta de poder, cidadania e inserção social.

Finalizando, este estudo tem sua contribuição tanto no campo acadêmico-científico, ao fazer uma análise documental crítica e detalhada sobre uma ferramenta curricular disseminada no contexto educacional – o livro didático -, analisando sua eficácia na promoção de um dos eixos centrais e historicamente negligenciados da Língua Portuguesa: ensino da oralidade, bem como, servindo de referência metodológica para futuras investigações sobre a transposição didática de conteúdos; quanto para o ensino da oralidade na educação básica, pois oferece recursos concretos para a ação e ferramentas para análise e avaliação crítica significativas ao identificar os obstáculos e potencialidades do material didático, ele instrumentaliza professores por meio de ferramentas teóricas e práticas para desenvolverem o ensino da oralidade de forma sistemática e inovadora.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO, F. S.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, A. M. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2021.
- CARVALHO, R. S.; FERRAREZI Jr., C. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- FERREIRA, Aurino Lima; SPINILLO, Alina Galvão. Desenvolvendo a habilidade de produção de textos em crianças a partir da consciência metatextual. *In*: MALUF, Maria Regina. **Metalinguagem e aquisição da escrita: contribuições da pesquisa para prática da alfabetização**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.122.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- Lakatos, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: **Gêneros textuais e ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: Telaris Essencial – 9º ano**. São Paulo: Ática, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

NASCIMENTO, L. F.; SOUZA, R. A pesquisa bibliográfica na formação acadêmica. **Revista Educação em Foco**, v. 5, n. 2, p. 5-15, 2016.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 11. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ANEXO – capa do livro

